

## Entrevista<sup>1</sup>

### **LAZER, TURISMO E MERCADO DE TRABALHO: UM BREVE BATE-PAPO COM RICARDO RICCI UVINHA<sup>2</sup>**

#### **RICARDO RICCI UVINHA: BREVE APRESENTAÇÃO**

Mestrado pela FEF/UNICAMP (1997), Doutorado pela ECA/USP (2003), Pós-Doutorado pela Griffith University-Australia (2004) e Livre-docência pela EACH/USP (2008). Com experiência de 26 anos de docência no magistério em nível superior, atualmente é Professor Associado nível 2 na Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo USP. Também na EACH/USP, foi Coordenador do Bacharelado em Lazer e Turismo (2008-2011), Presidente da Comissão de Relações Internacionais CRInt (2011-2014), Presidente da Comissão de Cultura e Extensão CCEx (2014-2015), representante dos professores associados na Congregação e membro titular de comissões estatutárias e assessoras na unidade. Coordena atualmente o Programa Giro Cultural, da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão da USP. Atua ainda como professor e orientador dos programas de pós-graduação em Turismo (EACH/USP) e Ciências da Atividade Física (EACH/USP). Diretor Presidente da Associação Brasileira de

<sup>1</sup> Entrevista concedida a Jean Henrique Costa – Editor RTEP/UERN. E-mail: jeanhenrique@uern.br

<sup>2</sup> Professor Livre-docente do Programa de Pós-Graduação em Turismo da Universidade de São Paulo (USP). E-mail: uvinha@usp.br

Pesquisa e Pós-graduação em Estudos do Lazer (Gestão 2014-2016) e Diretor Vice-Presidente da World Leisure Organization/United Nations (Gestão 2006-2016). É atualmente Líder do Grupo Interdisciplinar de Estudos do Lazer da Universidade de São Paulo (GIEL/USP/CNPq), Membro da World Leisure Academy (WLA/United Nations) e Diretor Vice-Presidente do BRICSCESS (BRICS Council of Exercise and Sport Science/North-West University South Africa). Entre os prêmios recebidos, destaca-se a primeira colocação no Prêmio de Excelência em Docência da Universidade de São Paulo, recebido pela Pró-Reitoria de Graduação da USP em 2013, e o reconhecimento como Primeiro Professor Contratado da EACH USP, homenagem recebida pela Comissão EACH 10 anos, em 2015<sup>3</sup>.

## ENTREVISTA

**Jean Henrique Costa (UERN):** Primeiramente, agradeço sua participação nesta “conversa”. Como primeiro ponto de discussão, considerando sua ampla inserção nos estudos do lazer, como você avalia o papel que tem exercido o bacharel em turismo no mercado de trabalho em recreação e lazer?

**Ricardo Ricci Uvinha (USP):** Venho defendendo nos meus estudos que é notório o reconhecimento do turismo enquanto próspero mercado de trabalho para os profissionais de lazer, diante de uma conjuntura histórica e social de crescimento da atividade turística mesmo diante das mais profundas adversidades econômicas. Por outro lado, verifica-se que a presença do lazer na formação profissional em turismo vem sendo comumente considerada num caráter reducionista, geralmente atrelada a uma concepção tecnicista a partir da recreação e associado enquanto uma mercadoria ao modelo modificado ao qual está fundado em grande parte o setor turístico. Ao buscar a interface do lazer com o turismo, tanto no Brasil como em exemplos internacionais, constata-se uma expectativa no seu desenvolvimento associada aos elementos fundantes

<sup>3</sup> Extraído de: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4794483E1>

da atual sociedade globalizada, como eficiência, cálculo, previsibilidade, mercadorização e consumo.

**J.H.C.:** Diante disso, caso me permita uma especulação, os cursos superiores em turismo no Brasil têm concentrado os estudos do lazer em um ou dois componentes curriculares obrigatórios (raramente três). Você considera que o chamado “turismólogo” tem tido a formação mínima necessária para atuar como animador sociocultural?

**R.R.U.:** Neste ponto, entendo primeiramente que os cursos de turismo ao redor do mundo têm sido geralmente associados aos departamentos de *business* das universidades. Com claras influências econômicas a partir do setor de turismo, o lazer a ele agregado atinge uma evidente faceta de mercadorização, se aproximando de uma conjunção de *commodity*, de um produto a ser profissionalmente comercializado com o mais alto grau de eficiência<sup>4</sup>. Tanto pelo lazer como pelo turismo aguça-se a comercialização movida pelo consumo, por valores associados à expectativa funcional de fuga das grandes cidades e de reposição das energias. Numa análise das grades curriculares dos cursos superiores de turismo no país, verifica-se que o lazer recebe em geral um tratamento bastante restrito. Este se encontra presente comumente nos eixos interligados de formação dos “conteúdos básicos”, em disciplinas como “Socioantropologia do lazer”, “Sociologia do tempo livre”, e dos “conteúdos teórico-práticos”, por exemplo nas disciplinas “Lazer e recreação” e “Técnicas de animação cultural”. Nas “Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Turismo”<sup>5</sup>, por exemplo, o lazer aparece mencionado rapidamente apenas num parágrafo do artigo de tal resolução e com expectativa de que seja uma possível área ocupacional relacionada ao turismo e que, eventualmente, seja abordado no currículo do curso dependendo das necessidades de mercado ou da região em que se instala a instituição de ensino superior. Enfim, se espera do lazer um segmento possível no mercado de trabalho de turismo, mas o que se vê é que não se tem claro exatamente qual seria o perfil profissiográfico desse possível egresso neste campo em particular.

<sup>4</sup> Rojek (2006) é um dos autores contemporâneos que remetem a tal situação como sendo uma expressiva “comodificação” do lazer, movimento típico da sociedade globalizada atual.

<sup>5</sup> Resolução n.13 de 24 de novembro de 2006, publicada pelo Ministério da Educação do governo brasileiro (BRASIL, 2006).

**J.H.C.:** Verifica-se em eventos acadêmicos, voltados aos estudos do lazer, uma diversidade de perspectivas e perfis profissionais. A multidisciplinaridade neste campo acadêmico, de fundamental importância, tem chamado um público bastante plural para os eventos. Prontamente, considerando os eventos acadêmicos no campo dos estudos do lazer, qual a sua avaliação acerca da participação dos turismólogos neste tipo de evento? Há um maior envolvimento qualitativo na publicação de trabalhos?

**R.R.U.:** Vale ressaltar inicialmente sobre este ponto que a América Latina tem avançado consideravelmente em seus esforços na articulação de grupos de pesquisa em lazer, especialmente aqueles alocados no Brasil formalmente cadastrados no CNPq e que se declaram na área predominante do turismo. Merece neste sentido uma especial consideração neste quadro latinoamericano a criação, em 2013, da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Estudos do Lazer. A ANPEL exerce status de sociedade científica de origem brasileira congregando pesquisadores latino-americanos das mais diferentes áreas de conhecimento e que se dedicam à investigação do lazer e temas afins a partir dos mais distintos pontos de vista teóricos e disciplinares. Entre as suas principais ações, registra-se a edição da Revista Brasileira de Estudos do Lazer – RBEL e a organização bianual do Congresso Brasileiro de Estudos do Lazer – CBEL<sup>6</sup>. Como o ponto aqui é sobre a multidisciplinaridade em eventos acadêmicos, entendo que os turismólogos vêm comparecendo com uma frequência cada vez maior nos principais eventos da área do lazer que até então tinham uma presença majoritária de profissionais de Educação Física (esta última área tradicionalmente conhecida no Brasil pela formação acadêmica e atuação profissional com lazer/recreação). No último CBEL por exemplo, realizado em 2016 na cidade de Belém e com promoção da Universidade Federal do Pará, o turismo era tema de destaque de um grupo de trabalho específico intitulado “Dimensões da Relação Turismo e Lazer na Contemporaneidade” e com a apresentação de diversos trabalhos de qualidade no formato de comunicações orais e pôsteres, em grande parte formulados por turismólogos<sup>7</sup>. Algo semelhante vem acontecendo há quase 30 anos também no tradicional Encontro Nacional de Recreação e

<sup>6</sup> Para maiores informações sobre as ações de tal associação, verificar em ANPEL (2017).

<sup>7</sup> Anais do Congresso Brasileiro de Estudos do Lazer (CBEL, 2016).

Lazer – ENAREL, com forte presença de pesquisadores oriundos do turismo<sup>8</sup>. Finalmente, em termos de eventos, vale ressaltar que o tema “turismo” será especialmente abordado como linha temática intitulada “Leisure, tourism and hospitality” para apresentação de trabalhos acadêmicos e institucionais no principal evento global da área, o Congresso Mundial de Lazer que será realizado em agosto/setembro de 2018 em São Paulo no SESC Pinheiros e com promoção de relevantes entidades, entre elas o SESC São Paulo e a World Leisure Organization/United Nations.

**J.H.C.:** Entrando mais especificamente no mercado de trabalho, verifica-se, ainda hoje, sobretudo em realidades de economia deprimida, que muitos hotéis que contam com equipes de recreação ainda não possuem recursos humanos qualificados no âmbito do lazer. Há muito improviso e amadorismo nas relações de trabalho. Primeiro: você concorda com a afirmativa de que esse amadorismo é dominante? Segundo: concorda que mesmo nesse mercado hoteleiro – lócus de “conforto” do bacharel em turismo – ainda assim o mercado o exclui ou o precariza quando se refere a recreação? Terceiro: concorda com a afirmação de que o bacharel em turismo é fortemente dependente de campos tradicionais do mercado de trabalho turístico, tais como hotelaria e agenciamento de viagens?

**R.R.U.:** Primeiro, concordo que ainda há muito improviso e amadorismo por parte dos profissionais de turismo quando na atuação nos diversos segmentos de lazer/recreação pela falta de formação em tal campo, como já destacado anteriormente; segundo, entendo que o segmento da hotelaria, em especial, vem valorizando pelo mundo o papel do profissional de recreação, mas isto não significa necessariamente que valorize o profissional formado num curso superior como o turismo, já que não é raro encontrarmos nestes quadros “monitores” de recreação sem formação acadêmica ou até mesmo ex-hóspedes; terceiro, penso que o mercado em turismo vem se diversificando por uma própria necessidade de ajuste do mercado profissional com oferta de empregabilidade para áreas que extrapolam a hotelaria e o agenciamento. Nesse

---

<sup>8</sup> Sobre especificamente o ENAREL, sugere-se uma consulta às suas características históricas na publicação de Marcellino e Isayama (2014).

sentido, penso que a atuação com gestão pública, com eventos (inclusive os esportivos) e com consultorias/empreendedorismo na especialidade do lazer podem estimular o profissional formado em turismo.

**J.H.C.:** Retomando o problema da formação educacional, por um lado, o bacharel em turismo no Brasil tem apresentado, via de regra, pouco perfil acadêmico. Em nome da dita ideologia da “empregabilidade” e do caráter “prático” do mercado turístico, esses profissionais têm abandonado aspectos essenciais de sua formação humanística. Considerando os estudos do lazer um campo essencialmente interdisciplinar e humanístico, tal fato precariza estruturalmente qualquer formação crítica. Por outro lado, o mercado de trabalho em lazer ainda parece insistir num perfil de profissional extrovertido, engraçado e que consiga animar e acompanhar grupos. Nesse ínterim, tem-se a possibilidade de um casamento perigoso entre uma formação deficiente e um mercado negligente e voraz por facilidade de lucro. Que riscos você vê nesse casamento?

**R.R.U.:** É importante antes de mais nada entender que a formação em turismo não é exclusivamente impulsionada por cursos em nível superior. Não podemos negar outras diversas possibilidades de formação, como em nível técnico ou ainda por meio de atividades de ensino, pesquisa e extensão nos mais variados contextos socioculturais. Entretanto, quando buscamos a interface do lazer numa alusão à formação universitária em turismo a partir do bacharelado, modalidade que experimentou um exorbitante crescimento no mundo todo e também no Brasil, angariamos dados interessantes para análise desta questão da formação profissional. Como delineado, o lazer na formação universitária em turismo tem se limitado a desempenhar o papel de mera disciplina nas grades curriculares, muitas vezes revestido de uma faceta técnica-operacional. Também nos grupos de pesquisa que se declaram de turismo no Brasil, o lazer parece não ocupar papel central. Entendo que o profissional em turismo deva ser persistente na sua busca de formação acadêmica também na especialidade do lazer, auxiliando numa atuação profissional mais refletida e em combate a este mercado de trabalho precarizado e coerente apenas com o lucro.

**J.H.C.:** O mercado de trabalho em turismo no Brasil tem se caracterizado por uma visível precarização de suas condições e relações de trabalho. Como você percebe a dinâmica do mercado de trabalho em lazer no Brasil?

**R.R.U.:** Temos claras pistas de que o crescimento do setor de turismo tanto no Brasil como no exterior é parte do processo de globalização e envolve mercados numa escala mundial, afetando as relações laborais e aspectos culturais nas comunidades em que atua e concebido como peça-chave de um amplo movimento de dimensão global. Tal fato tem proporcionado força maior para as organizações internacionais, que controlam substancial uma miríade de serviços no mercado turístico, atuando como proprietárias de redes hoteleiras, companhias aéreas e agências de turismo integradas. Vale frisar que se compreende aqui que o turismo pode ser debatido não apenas como um tópico subjugado ao desenvolvimento econômico de uma nação, mas também como dimensão humana de elevada relevância para a busca de engajamento social e de usufruto de valores que também podem estar a serviço de contestar a ordem vigente. Sua notória capacidade de geração de empregos e renda deve ser ressaltada, assim como não pode ser desprezada sua vocação para a mobilização da proteção natural, histórica e cultural nas comunidades receptoras. Em contraposição ao seu reduzido aspecto técnico ou de mercadoria, defende-se também o lazer como uma esfera fundamental para a afirmação de valores e identidades, um potencial elemento para a transformação social e para a redistribuição de poder e privilégios na sociedade. Tal perspectiva deve ser estimulada na formação acadêmica em turismo, encorajando os profissionais egressos dos bancos universitários a cumprir o esperado papel de liderança e de compromisso social, nas mais variadas condições socioeconômicas e nos mais distintos contextos culturais. Esta liderança não vai garantir necessariamente melhores salários, mas certamente colabora para um mercado profissional mais humanizado e receptivo à valorização de uma boa formação acadêmica.

**J.H.C.:** Especificamente em relação ao empreendedorismo, que espaços têm sido mais inovadores no campo profissional do lazer, ou seja, quais espaços profissionais (novos ou não) têm se aberto para o mercado do lazer?

**R.R.U.:** Para além de espaços profissionais que já são tradicionalmente ligadas ao setor (como hotéis, acampamentos, cruzeiros marítimos, parques temáticos, equipamentos públicos, etc.), entendo que devemos estar atentos às diversas áreas que compõe o cenário de formação acadêmica e atuação profissional atrelados atualmente a especialidade do lazer. Uma boa dica é visualizarmos as áreas que foram consideradas para apresentação de trabalhos no já comentado Congresso Mundial de Lazer que será realizado em 2018 em São Paulo. Tais áreas foram obtidas como fruto de reflexão por membros da Comissão Científica e Organizadora do evento oriundos do Brasil e do exterior, mas também no que há de mais atual nas associações profissionais ligadas a tal setor. Além da já mencionada “Lazer, turismo e hospitalidade”, as demais áreas que podem estimular o empreendedorismo em novos ou já clássicos espaços profissionais são reproduzidas a seguir: 1) Lazer, gestão e políticas públicas, privadas e do terceiro setor; 2) Lazer, acessibilidade e inclusão; 3) Lazer para crianças e adolescentes; 4) Lazer, esportes e atividades físicas; 5) Lazer e educação; 6) Lazer, saúde e qualidade de vida; 7) Lazer e envelhecimento; 8) Lazer e questões de gênero; 9) Lazer, diversidade e questões étnico-raciais; 10) Inovação, indústria criativa e lazer digital; 11) Lazer para o desenvolvimento comunitário e social; 12) Lazer, cidades e urbanização; 13) Produção do conhecimento e teorias do lazer; 14) Lazer, meio ambiente e sustentabilidade.

**J.H.C.:** Com relação a elaboração e gestão de projetos de lazer, qual a dimensão do contratante “poder público” nessa fatia do mercado?

**R.R.U.:** Ainda com base na já mencionadas diretrizes curriculares nacionais de cursos de graduação em turismo no Brasil, defende-se aqui que o lazer possa ser decisivo na maior parte das competências/habilidades que devem ser possibilitadas na formação profissional do graduado em turismo no Brasil, visto que este deveria ocupar posição de destaque na compreensão das políticas nacionais e regionais sobre turismo, na elaboração dos planos municipais e estaduais de turismo, na intervenção em espaços novos, emergentes ou inventariados ou ainda indispensável nas ações de equipes interdisciplinares e multidisciplinares, interagindo criativamente face aos diferentes contextos organizacionais e sociais. Assim, a dimensão do contratante público neste setor tende a ser crescente pelos diversos argumentos aqui apresentados.

**J.H.C.:** Por fim, que palavras 'finais' você poderia dizer para o estudante de turismo (ou profissional já atuante) acerca do mercado de trabalho em lazer? Que caminhos percorrer?

**R.R.U.:** Como se pode verificar, o tratamento associado ao lazer nos cursos de graduação em turismo no Brasil depende diretamente da interpretação da legislação temática vigente e dos objetivos e perfil profissiográfico elaborado pelos planejadores/gestores no projeto político-pedagógico das instituições, sejam elas de ensino superior ou de formação técnica. Se pontua aqui que é justamente nessa interpretação que se pode suscitar equívocos sobre o papel do lazer para o profissional de turismo, reduzindo-o ao seu caráter técnico-operacional e concebendo-o desse modo de forma superficial e irrefletida. Tanto na formação curricular do bacharel em turismo como na abordagem dos grupos de pesquisa temáticos se perde uma excelente oportunidade para compreender o lazer além de sua funcionalidade técnica. Como alternativa, poderia se destacar a relevante dimensão humana dessa esfera social, bem como sua notória capacidade de mobilização junto às distintas populações e sua indispensável participação em políticas e planejamentos turísticos a fim de valorizar as comunidades receptoras.

## REFERÊNCIAS

ANPEL. Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Estudos do Lazer. 2015. Disponível em: <<http://anpelbrasil.net/sobre.php>>. Acesso em: 29.06.2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução CNE/CES n.13, de 24 de novembro de 2006. Brasília: MEC, 2006. Disponível em: <[www.mec.gov.br/cne](http://www.mec.gov.br/cne)>. Acesso em: 30.06.2017.

CBEL. Congresso Brasileiro de Estudos do Lazer/XVI Seminário O Lazer em Debate. Lazer, Desenvolvimento e Sustentabilidade. Anais.... Belém, PA: Universidade Federal do Pará, 2016.

MARCELLINO, N.C.; ISAYAMA, H. F. (Org.) Enarel: 25 anos de história. Campinas, SP: Autores Associados, 2014.

ROJEK, C. Commodification, globalization and leisure: how harmful leisure forms are repositioned in the global marketplace. In: JACKSON, E. L. (Ed.) Leisure and the quality of life: impacts on social, economic and cultural development. Hangzhou Consensus. Hangzhou, China: Zhejiang University Press, 2006. p. 138-145.

#### **Cronologia do Processo Editorial**

Recebido em: 02. jul. 2017  
Aprovação Final: 22. ago. 2017

#### **Referência (NBR 6023/2002)**

UVINHA, Ricardo Ricci. Lazer, turismo e mercado de trabalho: um breve bate-papo com Ricardo Ricci Uvinha. **Turismo: Estudos & Práticas (RTEP/UERN)**, Mossoró/RN, vol. 6, n. 1, p. 117-126, jan./jun. 2017. Entrevista a Jean Henrique Costa.